

ESPAÇO-ENTRE,

O VAZIO COMO POTÊNCIA E CONVERGÊNCIA CULTURAL EM DOURADOS-MS

A formação social e territorial do Brasil é marcada por uma profunda diversidade cultural, resultado de fluxos migratórios, deslocamentos, forçados e construções coletivas de identidade. Apesar de constitutiva da nação, essa pluralidade raramente se reflete de forma equitativa na paisagem urbana e nos espaços públicos, onde muitas culturas e memórias permanecem invisibilizadas, comprometendo o senso de pertencimento e a coesão social.

Dourados-MS evidencia essa realidade. Formada por povos indígenas, migrantes internos e imigrantes estrangeiros atraídos pela fertilidade da terra, a cidade consolidou-se sob uma lógica fortemente vinculada à produção agropecuária. Nesse processo, a terra fértil tornou-se símbolo de exploração e produtividade, mas raramente foi compreendida como território também fecundo para o cultivo da cultura, da convivência e das trocas simbólicas entre gerações.

REGISTROS DE ALGUNS DOS POVOS QUE FAZEM/FIZERAM PARTE DA FORMAÇÃO DA CIDADE

POVO GUARANI



Fonte: arquivo, Lélia Loureiro
COMISSÃO DE REVISÃO HISTÓRICA DE DOURADOS

FAMÍLIA KAÍOWA



Fonte: arquivo, Lélia Loureiro
COMISSÃO DE REVISÃO HISTÓRICA DE DOURADOS

DANÇA DO POVO TERENA



Fonte: arquivo, Lélia Loureiro
COMISSÃO DE REVISÃO HISTÓRICA DE DOURADOS

GAÚCHOS



Fonte: Centro de Documentação Regional UFGD/Dourados

COLÔNIA ÁRABE NO 30º ANIVERSÁRIO DA CIDADE



Fonte: Comissão de Revisão Histórica de Dourados

HOMENAGEM DA COLÔNIA JAPONESA PARA A CIDADE DE DOURADOS



Fonte: Comissão de Revisão Histórica de Dourados

COMPETIDORES DO CAMPEONATO DE SUDO, 1938



Fonte: Comissão de Revisão Histórica de Dourados

“Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa, exatamente, que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.”

Ailton Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo.

TERRITÓRIO FÉRTIL

A formação de Dourados-MS é marcada por sucessivas ondas de ocupação e migração, constituindo um território atravessado por diferentes culturas, interesses e disputas. Povos originários como Kaiova, Guarani e Terena, migrantes sulistas, japoneses e nordestinos participaram da construção da região, atraídos principalmente pela fertilidade da terra e pelas políticas de colonização do território.

Ao longo do tempo, a expansão das fronteiras agrícolas e o avanço do agronegócio consolidaram uma lógica territorial voltada predominantemente à produtividade, transformando a terra em recurso econômico e intensificando processos de urbanização desigual, conflitos fundiários e apagamentos culturais.

Nesse processo, muitas das histórias e heranças que constituem a formação da região permaneceram invisibilizadas, entrançando vínculos de pertencimento e reduzindo as possibilidades de convivência entre as diferentes culturas presentes no território.

Atualmente, além da forte presença do agronegócio, observa-se o crescimento acelerado de condomínios privados e processos de fragmentação urbana que reforçam barreiras físicas e sociais, enquanto os espaços públicos permanecem escassos, fragmentados e pouco qualificados.

Diante disso, surge a necessidade de repensar o espaço público não apenas como vazio entre construções, mas como território ativo e fértil — capaz de sustentar encontros, trocas, permanências e formas mais plurais de convivência.

PLANTANDO DE MILHO



ATIVIDADES LIGADAS AO EXTRATIVISMO E AO AGRONEGÓCIO



DOURADOS, MAIOR PARTE DE SUA EXTENSÃO TERRITORIAL É DESTINADA ÀS ÁREAS DE PLANTIO, E ATIVIDADES RELACIONADAS AO AGRONEGÓCIO



INDÚSTRIAS



PASTO PARA REBANHO BOVINO



Lado esquerdo do foto apresenta a ocupação da reserva indígena contrastando com o crescimento de lotes de condomínios fechados



CONDOMÍNIOS PRIVADOS



NEGLIGÊNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO



felicidade



USINA VELHA

A Usina Senador Filinto Müller, conhecida como Usina Velha, constitui um dos principais marcos históricos de Dourados-MS. Inaugurada em 1949, ainda no período do Território Federal de Ponta Porá, foi responsável pelo primeiro fornecimento de energia elétrica da cidade, contribuindo diretamente para o processo inicial de modernização urbana.

Além da usina geradora, o complexo abrigava serraria, carpintaria, oficina mecânica e alojamentos, consolidando-se como importante estrutura de apoio ao desenvolvimento da região. No entanto, o rápido crescimento urbano tornou sua capacidade insuficiente, levando à desativação poucos anos depois.

Tombada como patrimônio histórico municipal em 1991, a Usina Velha permanece como símbolo da memória coletiva da cidade. Apesar disso, o local passou por sucessivos processos de abandono, descaracterização e descontinuidade institucional, revelando fragilidades nas políticas de preservação do patrimônio cultural.

Entre lembrança e ruína, a usina permanece presente no imaginário urbano como espaço de memória, permanência e potencial coletivo — evidenciando a necessidade de reativar o patrimônio não apenas como objeto histórico, mas como território vivo de encontro, cultura e convivência.



Fonte: GOOGLE IMAGENS

ESPAÇO PÚBLICO E O VAZIO POTENTE

O espaço público é compreendido neste trabalho não apenas como área livre ou infraestrutura urbana, mas como território sensível de convivência, permanência e construção coletiva. Em uma cidade marcada pela diversidade cultural e pelos processos de fragmentação contemporânea, esses espaços tornam-se fundamentais para sustentar encontros, trocas e formas plurais de pertencimento.

relacional e potencial. A partir da noção japonesa de Ma (間), o vazio é compreendido como “entre-espaço” — um intervalo sensível onde tempo, corpo e ambiente se conectam. Mais do que um espaço físico, o Ma representa um campo de possibilidades, pausa e coexistência.

Compreender o Ma implica também um deslocamento em relação à lógica dual que estrutura grande parte do pensamento ocidental. Enquanto a tradição ocidental se fundamenta na separação entre opostos — ser e não ser, cheio e vazio, interno e externo —, o Ma habita justamente o espaço intermediário, ambíguo e simultâneo, onde diferentes condições podem coexistir sem necessariamente se anular.

Essa lógica do “entre” aproxima-se da ideia de espaço público como território aberto à multiplicidade e ao imprevisto. Na arquitetura,

dialoga também com o vazio livre da arquitetura modernista brasileira, presente nas obras de Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha, onde o vazio assume dimensão pública, democrática e coletiva.

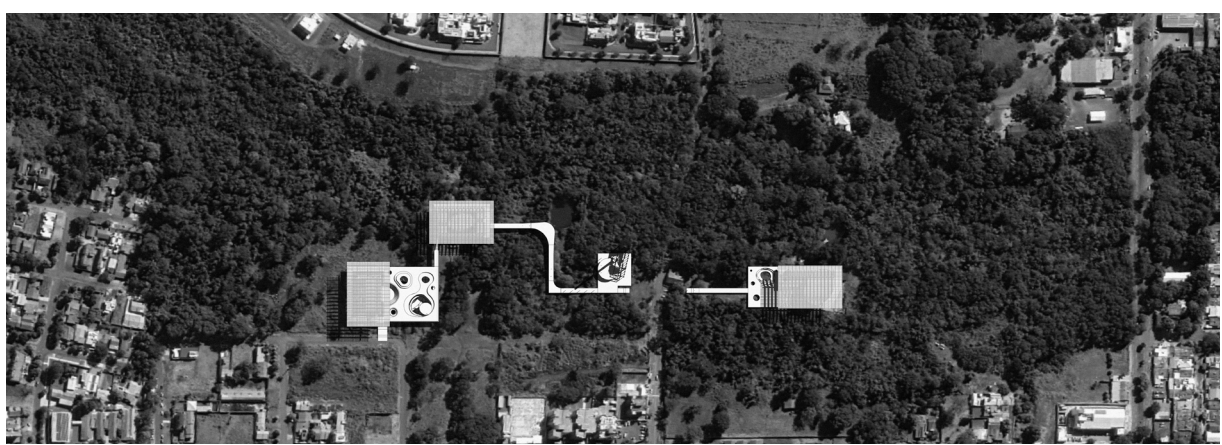
Tanto o Ma quanto o vazio livre compreendem o espaço como abertura: um campo que não determina usos fixos, mas acolhe permanências, apropriações e diferentes modos de estar. O vazio torna-se, assim, uma metáfora espacial para a coexistência — um território intermediário onde culturas, temporalidades e narrativas podem dialogar sem perder suas singularidades.



[Himorogi]

Termo xintoísta que designa um espaço do vazio sagrado delimitado por 4 estacas, reservado para a natureza que acreditasse ser o meio para possíveis conexões com o divino. Essas conexões, mediadas pela natureza, revelam o MA.

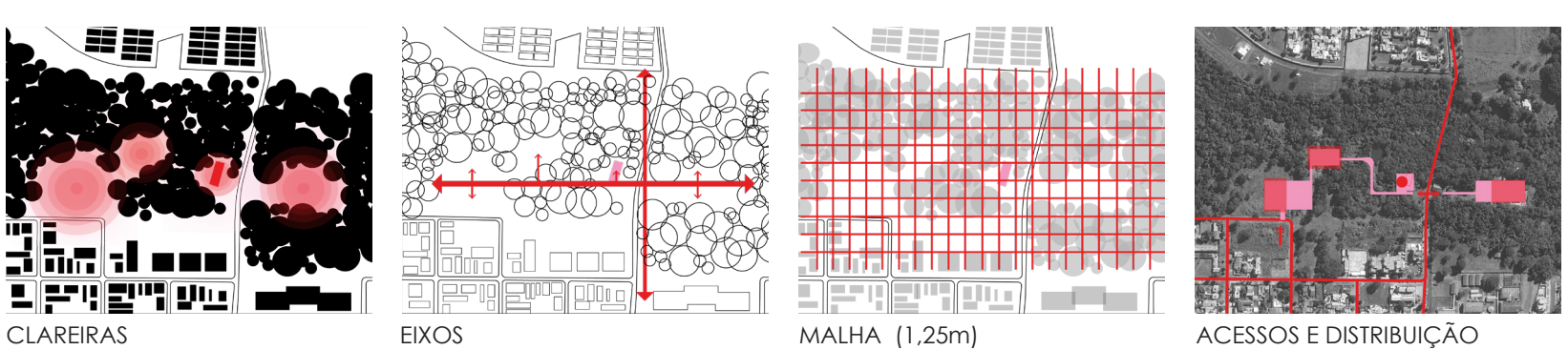
TERRENO



O terreno localiza-se em uma área de preservação ambiental próxima à região central da cidade, inserido em um contexto estratégico marcado pela presença de universidades, escolas e importantes fluxos urbanos. A área é atravessada por uma via estrutural que conecta as porções norte e sul da cidade, funcionando não apenas como eixo de mobilidade, mas também como elemento de separação física e social.

Enquanto um dos lados vem sendo progressivamente apropriado por condomínios privados e processos de segregação urbana, a outra mantém características mais abertas e públicas, evidenciando contrastes nas formas de ocupação e acesso ao território.

DIRETRIZES DE IMPLANTAÇÃO



PARTIDOS PROJETUAIS

